

O SINAL SOA POR ENTRE CORPOS E MUNDOS: a docência pede passagem...

Leandro Belinaso Guimarães

Henrique César da Silva

Na escola, um som agudo, alto, forte, inunda corpos e os mundos que eles carregam, marcando momentos de transição. Ele pode anunciar desde o começo de um turno de aulas, bem como o momento da passagem de uma aula para outra. Pode anunciar, ainda, o breve encontro que se efetivará entre corpos em desejo, entre mundos em composição. Vamos, para início de conversa, ficar com essa imagem poética do sinal da escola (deixando um pouco pálida sua imagem de disciplinamento e controle). O sinal como marcador de um movimento, de uma passagem, de uma anunciação, de um encontro. A chegada desse primeiro número da “Revista EntreVer” soa, tal como o sinal poético da escola, como pedindo passagem à docência, seus sons, suas cores, seus desejos, palavras, sua pluralidade.

Gostamos de pensar na escola não somente pelas suas aulas, mas também pelo seu pátio. O lugar do intervalo. Um lugar de muitas vozes. Tumulto. Podemos lembrar ouvir os alunos e as alunas conversando sobre a prova, o cinema, a paquera, aquele professor, aquela professora, aquela aula, a doença na família, aquela matéria, aquela dúvida, o jogo na televisão, o trabalho para entregar, a nova música do momento. A ordem de uma feliz desorganização que tece as diversas séries (agora anos...)... e por entre o pátio de vozes, as diversas professoras circulando em suas diferenças epistemológicas. E diversidades de vida. Se as escolas não são só paredes separando turmas, o professor também não é só voz entre quatro paredes. Ele também diz sobre si, para si e para o outro, os dizeres que vão tramando por dentro e por fora essa escola.

Eis nosso convite aos leitores e às leitoras para entreverem a escola e outros espaços pedagógicos pelo patchwork inacabado em que

vão se amarrando dizeres da professora da escola, do professor formador, da pesquisadora, do futuro e já quase professor, todos ex-alunos, às vezes uma e mesma pessoa, às vezes várias pessoas em uma, às vezes encontradas num mesmo espaço e tempo e projeto, às vezes encontradas apenas pelos seus textos, pelos seus temas.

Um desses temas, a ciência, é o foco deste primeiro número da “Revista EntreVer”. O lugar das questões relativas à ciência na escola e em outros espaços educativos, como parques de proteção ambiental, parece tornar-se a cada dia mais plural em sua diversidade de abordagens e leituras. Nos textos que compõem esse número circulam perspectivas advindas dos estudos sociológicos da ciência e da tecnologia, dos estudos culturais, dos estudos de linguagem e discurso, dos estudos epistemológicos. Textos que vão costurando o patchwork do ensino de ciências, uma entre outras colchas possíveis.

Uma seção da Revista, chamada de “Ensaio Discentes”, convida alunos de graduação, estudantes de Licenciaturas, a publicarem escritos advindos de seus exercícios docentes no decorrer de sua formação inicial. Neste número, apresentamos quatro textos no qual o ensino de ciências não aparece, apenas, como construção de conhecimentos, mas também como lugar de tessitura de uma memória dos tempos de escola. Um ensino repleto de sutilezas entremeia ao estudo do corpo humano, da biologia, das ciências, as lembranças dos primeiros beijos, paqueras, encontros sociais no tecido da escola. Através de exercícios textuais sobre as memórias de escola – essa espécie de reinvenção textual de um aparente distante lugar em que os autores se encontravam como estudantes escolares – não se constitui também um modo de se pensar professor no presente? Essa parece ser a indagação que reverbera nesses quatro relatos inauguradores de uma seção que não encontramos muito em outras revistas da área da educação. Desejamos que ela seja convidativa para que alunos de graduação escrevam e socializem momentos importantes da sua formação em reflexões densas; enfim, ensaiem nesse espaço linhas que tecem construções inventivas de como

estar professor ainda em seus momentos da formação inicial. A escritura pela memória também aparecerá em outras seções da revista.

A pluralidade das formas de relações estabelecidas entre a universidade e a escola no âmbito da produção e circulação de saberes e cultura, aparece na voz de professores da educação básica, na seção “Diários de Classe”. Eis aqui também uma seção pouco comum em outros periódicos da nossa área. Neste número, apresentamos dois escritos. Ambos focalizam os estágios como espaço de produção colaborativa entre universidade e escola. No primeiro essa relação é estabelecida pelos próprios estágios. E noutro, a relação universidade-escola é mediada por uma pesquisa colaborativa que no caso envolveu estudantes de pós-graduação, professores pesquisadores de universidades, outros professores da educação básica e licenciandos. Desejamos com esses dois textos incitar professores e professoras da educação básica a contribuírem com a Revista, seja compartilhando suas investigações a partir da experiência docente, seja relatando atividades de ensino, projetos; enfim, algo da riqueza que povoa os trabalhos que desenvolvem nas escolas brasileiras.

Na seção de “Artigos” apresentamos textos derivados de pesquisa ou, ainda, trabalhos advindos das práticas docentes, mas que tecem uma sólida argumentação articulada a referenciais teóricos. Neste número, na seção de “artigos”, temos três “blocos” de textos.

O primeiro “bloco” está composto por textos escritos sobre experiências de estágio docente, tecidos pelos próprios estudantes, ao mesmo tempo em que estão atuando como professores e estagiários. Dois desses textos refletem experiências de estágio docente do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, em que se costuraram uma escola pública de Florianópolis e o Parque Municipal da Lagoa do Peri, pelo foco no ambiente a partir da perspectiva cultural. Outro artigo resulta de reflexão produzida durante os estágios do curso de licenciatura em Física da mesma Universidade, que teve como foco o desafio da então futura professora em lidar com a questão da inclusão de

estudantes com necessidades especiais e sua relação com o conhecimento da Física. Mostra que construção de conhecimentos físicos é possível também se explorando a relação tátil com o mundo e não apenas a visual, tão enfatizada em nossa cultura, e nela, pelas escolas. Um último texto desse primeiro “bloco” de artigos diz respeito ao lugar de observador do espaço escolar constituído pelos estágios de observação: tema da reflexão produzida por três estudantes e sua professora-formadora do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Alagoas.

No segundo “bloco” de textos da seção de “artigos” temos dois textos resultantes de investigação sobre os estágios supervisionados. Um deles retoma a diferenciação entre racionalidade técnica e racionalidade prática, a partir de uma pesquisa com professores-orientadores dos estágios supervisionados no ensino de Química. Um segundo texto apresenta outras vozes, costurando-se aos textos da seção “Diários de Classe”, pela temática da relação universidade e a escola.

O último “bloco” de textos da seção de “artigos” está composto por três trabalhos de pesquisa, que não têm o estágio como palco de reflexão. Em um dos textos discute-se a produção escrita sobre os animais em aulas de ciências. Outro compartilha os caminhos e descaminhos da construção metodológica de uma pesquisa sobre educação ambiental. Por fim, o texto que fecha a seção discute a escrita do inventário na produção da pesquisa como organizador de dados. Reflexão que se deu no âmbito de um grupo de pesquisa cujo foco está na formação continuada de professores. Costuram-se aos outros textos da revista a temática da escrita e da memória.

A “Revista EntreVer” encerra-se com duas outras seções. Uma de “Entrevista”, na qual presentecemos o leitor e a leitora com uma instigante conversa sobre o tema das drogas, que perpassa o campo do ensino de ciências, atravessando as escolas entre outros espaços sociais. A entrevista, cedida por um professor da Universidade Federal de Santa Maria, foi tecida a partir de perguntas formuladas por estudantes de

Biologia da Universidade Federal de Santa Catarina. A última seção, a de “Resenhas”, traz texto sobre um artefato audiovisual documental a respeito de um dos mais importantes biomas brasileiros: o cerrado.

Desejamos que as leituras sejam incentivos para o leitor ou a leitora participar dos próximos números da “Revista EntreVer” com sua escrita. Que possamos com ela seguir dando passagem à docência, seus corpos e seus mundos.